

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS CAXIAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

HANDREYNNA LIMA ALVES

**AUXÍLIO-CRECHE: UMA ANÁLISE DA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS MÃES DA
UEMA - CAMPUS CAXIAS**

Caxias
2025

HANDREYNNA LIMA ALVES

**AUXÍLIO-CRECHE: UMA ANÁLISE DA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS MÃES DA
UEMA - CAMPUS CAXIAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Ciências Sociais Licenciatura da
Universidade Estadual do Maranhão -
Campus Caxias, como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Ciências Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Rosane Lopes e
Silva.

Caxias

2025

A474a Alves, Handreynna Lima

Auxílio-creche: uma análise da sua contribuição para as mães da UEMA Campus Caxias / Handreynna Lima Alves. _Caxias: Campus Caxias, 2025.

41f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^a. Dra. Rosane Lopes e Silva.

1. Auxílio-creche. 2. Mulheres mães. 3. Universidade. I. Título.
CDU 378.014.543.3

HANDREYNNA LIMA ALVES

**AUXÍLIO-CRECHE: UMA ANÁLISE DA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS MÃES DA
UEMA - CAMPUS CAXIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - Campus Caxias como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Aprovado em: 21/01/2025.

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente
ROSANE LOPES E SILVA
Data: 14/02/2025 11:31:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosane Lopes e Silva (Orientadora)

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente
CLEIA MARIA LIMA AZEVEDO
Data: 14/02/2025 11:50:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Cleia Maria Lima Azevedo

Mestra em Educação e em Linguística Aplicada

Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente
BENIGNA MARIA DE ASSUNÇÃO COUTO
Data: 17/02/2025 16:49:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Benigna Maria Assunção Couto

Mestra em Linguística Aplicada

Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus e a
minha família. Eles sempre
acreditaram e investiram em
mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, registro minha gratidão a Deus por sustentar-me em cada momento ao escrever essa pesquisa, por Ele está comigo em todo processo, desde cumprir com os prazos acadêmicos e me manter fortalecida durante todo o processo de escrita. Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que pensamos ou pedimos.

Menciono com muito amor, meus pais Moisés e Maria de Jesus que me deram apoio, tanto psicológico quanto financeiro nesta jornada acadêmica que durou sete anos. Pontuo também, a vida dos meus cinco amados irmãos, Andreia, Anderson, Alessandro, Arianny e Arthur, parte desta conquista é de vocês.

Meu agradecimento a minha orientadora Rosane Lopes e Silva, pude conhecê-la mais profundamente durante suas orientações para essa pesquisa, é uma mulher paciente e compreensível, eu não poderia ter tido uma orientadora melhor do que ela.

Agradeço também pelas famílias e amigos na fé que me ajudaram nesta caminhada acadêmica, em especial à família Vieira, à família Costa, à família Moraes, minha irmã na fé, Brígida. Agradeço também a dona Jucelene, nunca me esquecerei de seu amor e carinho por mim e por sempre perguntar se eu já tinha almoçado e me oferecer do seu pão de cada dia.

As minhas grandes amigas, Luciene, Nayarte, Elisabeth, Kaline e Jéssica, me faltam adjetivos para expressar o tamanho acolhimento e presença nesta caminhada intelectual, pois em dias que tudo se mostrava escuro e aflitivos, elas dedicavam seu tempo para me ouvir, aconselhar e me dar esperanças nesta jornada acadêmica. Eu não teria chegado até aqui sem essas mulheres.

E, as mães universitárias desta pesquisa que compartilharam suas percepções e depositaram sua confiança em mim para descrever a contribuição do auxílio-creche nas suas vidas.

Eu acredito que não chegamos em lugar algum por apenas mérito próprio, sempre tem pessoas nos auxiliando e segurando nossa mão, se pedimos a elas para fazerem isso. São essas pessoas que formam nossa base e dão sustentáculos ao que vamos nos tornando. Eles não são apenas coadjuvantes nesta jornada, eles são em grande parte o encaixe que faltava. Agradeço tão somente não apenas àqueles que contribuíram, mas àqueles também que de forma adversa mostraram os caminhos dos não a serem tomados.

“Não sei o que há depois da curva, mas vou acreditar que é algo melhor”.

(L. M. Montgomery)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma abordagem sobre a análise do auxílio-creche para as mães da UEMA Campus Caxias. Com base na trajetória e vivências das mulheres que precisam conciliar seus estudos com a maternidade, torna-se importante a análise das políticas públicas das universidades para ajudarem essas mães. O objetivo deste estudo é analisar a contribuição do auxílio-creche para as mães da UEMA Campus Caxias, identificando os benefícios do auxílio para elas, investigando as dificuldades para ter acesso ao auxílio e, compreendendo a percepção delas sobre o auxílio para sua permanência na universidade. Para alcançar esse objetivo realizou-se a análise de dados de Bardin, utilizando um questionário estruturado. Os resultados revelaram que o auxílio contribui de forma positiva na vida das mães, destacando aspectos positivo, como seu valor e aspectos negativos como falta suficientes de vagas. Diante dos resultados, pode-se concluir que o auxílio-creche é indispensável para as mães, e que ele tem cumprido com seus objetivos, enfatizando que haja mais pesquisas a respeito e que implique em mais ações para permanência ainda maior da mães universitárias.

Palavras-chave: auxílio-creche; mulheres mães; universidade.

ABSTRACT

This research presents an approach to the analysis of daycare assistance for mothers at UEMA Campus Caxias. Based on the trajectory and experiences of women who need to combine their studies with motherhood, it is important to analyze universities' public policies to help these mothers. The objective of this study is to analyze the contribution of daycare assistance for mothers at UEMA Campus Caxias, identifying the benefits of the assistance for them, investigating the difficulties in accessing the assistance and understanding their perception of the assistance for their stay at the university. To achieve this objective, Bardin data analysis was carried out, using a structured questionnaire. The results revealed that the aid contributes positively to the lives of mothers, highlighting positive aspects, such as its value, and negative aspects, such as the lack of sufficient vacancies. Given the results, it can be concluded that daycare assistance is indispensable for mothers, and that it has fulfilled its objectives, emphasizing that there is more research on the matter and that it involves more actions to ensure that university mothers remain even longer.

Keywords: daycare allowance; women mothers; university.

LISTA DE QUADROS

Quadro - 1: Editais e vagas do Auxílio-creche na UEMA Campus Caxias.	28
Quadro - 2: Período de recebimento do auxílio-creche	29
Quadro - 3: Tempo de recebimento do auxílio-creche.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CONDIÇÃO SOCIAL DAS MULHERES BRASILEIRAS DESDE O PERÍODO COLONIAL ATÉ O SÉCULO XXI.....	13
2.1	A maternidade e os desafios enfrentados pelas mães	18
2.2	Auxílio-creche como política pública na universidade estadual do maranhão	24
3	METODOLOGIA	26
3.1	Tipo de pesquisa	26
3.2	Local de estudo	26
3.3	População e amostra	26
3.4	Coleta de dados	26
3.5	Análise dos dados.....	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1	Período de recebimento do auxílio-creche	29
4.2	Benefícios do auxílio-creche para as mães	30
4.3	Dificuldades enfrentadas pelas mães no acesso ao auxílio-creche	32
4.4	PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO AUXÍLIO-CRECHE PARA SUA PERMANÊNCIA NA UEMA.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é um dos fatores que contribuem para a evasão acadêmica feminina no ensino superior, e o acesso a serviços de creche pode favorecer a permanência e conclusão da graduação das mães universitárias.

De acordo com os dados encontrados no site oficial da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão (PROG-UEMA, 2024), as alunas representam 60% das matrículas de graduação e 46% de pós-graduação. Diante desse cenário, é imprescindível entender as implicações vivenciadas pelas mães universitárias no decorrer da sua jornada acadêmica.

Em um contexto no qual as mulheres são maioria entre os alunos dos cursos de graduação da UEMA, podemos encontrar mulheres com realidades totalmente diferentes umas das outras: solteiras ou casadas, com filhos ou sem filhos. Para as que são mães, antes ou durante a caminhada acadêmica, torna-se um desafio conciliar os estudos com a maternidade, principalmente se ela não possui uma rede de apoio para lhe ajudar. Pensando nessa dificuldade que as mães têm para concluir sua formação acadêmica, a UEMA oferece um auxílio-creche no valor R\$ 500,00, pago mensalmente, no intuito de possibilitar a permanência das mulheres que são mães na universidade e, assim, concluem sua graduação.

Essa pesquisa foi pensada e iniciada a partir das discussões na disciplina Gênero e Sexualidade em sala de aula e, objetiva analisar a contribuição do auxílio-creche para as mães universitárias da UEMA Campus Caxias. Movida pela vontade de compreender a contribuição do auxílio-creche para as mães que necessitam de ajuda financeira para concluir sua graduação na UEMA Campus Caxias, para posterior análise, foi realizado este estudo.

O auxílio-creche está inserido no contexto das políticas públicas presente nas universidades. Melazzo (2010) define política como um conceito da ciência dos fenômenos ligado ao Estado ou ao Governo, neste consistem regras que diz respeito à negócios e administração pública. Segundo esse autor, a política pública é compreendida como um ramo de investigações da ciência política, tendo essas investigações em volta de estudos sobre os governos, administrações públicas, relações internacionais e o comportamento político. Em

suma, compreende-se política pública como forma do governo demonstrar interesse na vida pública das pessoas que compõe a sociedade.

O auxílio-creche é uma política pública federal baseada na Lei nº 14.457, de 21 de setembro de 2022, que busca apoiar mães ou pais de baixa renda, facilitando o seu acesso à educação infantil para o seu filho(a) e contribui para que as mães universitárias possam permanecer na universidade.

Esse benefício é especialmente importante em contextos sociais onde o custo de cuidados com crianças pequenas é elevado e pode representar um obstáculo significativo para a permanência das mães na universidade, sobretudo para mães chefes de família. Pesquisar sobre a eficácia do auxílio-creche é fundamental para identificar os reais benefícios do programa.

Além disso, avaliar a eficácia desse benefício pode fornecer subsídios para o aprimoramento das políticas públicas para as mães, direcionando recursos de formas mais eficaz e garantindo que o auxílio chegue às mães que mais necessitam. Apontar as dificuldades no acesso ao auxílio-creche pode auxiliar para uma maior equidade social e na redução das desigualdades. Também é necessário compreender a percepção das mães sobre o auxílio para que a universidade possa alinhar melhor suas ações às necessidades delas, garantindo que essas políticas atingiam seus objetivos de forma eficaz e sejam permanentes. Por isso, torna-se fundamental analisar a contribuição do auxílio-creche para as mães universitárias da UEMA Campus Caxias.

Diante disso, foi tratada a seguinte questão norteadora: Qual a contribuição do auxílio-creche para as mães da UEMA Campus Caxias?

O objetivo geral deste trabalho consiste em: Analisar a contribuição do auxílio-creche para as mães da UEMA Campus Caxias.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Identificar os principais benefícios do auxílio-creche para as mães; apontar as dificuldades enfrentadas pelas mães no acesso ao auxílio-creche e, por fim; compreender a percepção das mesmas sobre a contribuição do auxílio-creche para sua permanência na universidade.

No decorrer da pesquisa realizou-se um levantamento bibliográfico e leituras sobre produções relativas à temática anunciada e elaborado um questionário estruturado, o qual foi aplicado às mães que foram beneficiadas

com o auxílio-creche pela UEMA Campus Caxias, utilizando uma abordagem qualitativa dos dados conseguidos através do questionário.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. Na introdução estão expressos os objetivos gerais e específicos, a justificativa da pesquisa e a motivação para a realização dessa pesquisa.

No segundo capítulo, são abordados a trajetória das mulheres brasileiras, desde a colônia até o século XXI, a maternidade e os principais desafios enfrentados pelas mães universitárias. Este tópico trata da contextualização do conceito de maternidade e os principais desafios enfrentados pelas mães na carreira acadêmica. Este tema é relevante porque nos apresenta a realidade de mulheres brasileiras que são mães e que precisam conciliar seus estudos com a maternidade. A compreensão deste assunto é fundamental para que se possa conhecer algumas dificuldades enfrentadas pelas mães na sua jornada acadêmica e, com isso, ficar atento a possíveis estratégias de auxílio para elas e, por último, o auxílio-creche como política pública oferecido pela UEMA.

No terceiro capítulo, é explicitada a metodologia da pesquisa, e no quarto são apresentados os resultados e discussões relacionados a contribuição do auxílio-creche para as mães universitárias da UEMA Campus Caxias. Os resultados são divididos de acordo com as perguntas do questionário aplicado as mães, a qual discutirá sobre todas as respostas obtidas pelas alunas à pergunta norteadora desta pesquisa.

Está pesquisa ocorreu por meio de um questionário estruturado feito no Google Forms aplicado pelo WhatsApp destinado às mães universitárias que foram e são beneficiadas pelo auxílio-creche.

Para a seleção foram levadas em consideração mães que já receberam e que ainda recebem o auxílio-creche da UEMA, sendo excluídas mães que não usufríssem do auxílio-creche.

Por fim são apresentadas as considerações finais desta pesquisa, que apresentam impressões acerca do que foi obtido com essas pesquisas, o que está incluso as respostas das mães em relação a contribuição do auxílio-creche na sua trajetória acadêmica.

2 A CONDIÇÃO SOCIAL DAS MULHERES BRASILEIRAS DESDE O PERÍODO COLONIAL ATÉ O SÉCULO XXI

No Brasil, o interesse acadêmico pela história das mulheres só começou a ganhar destaque nas últimas décadas do século XX, semelhante ao que ocorreu em países como os Estados Unidos e a França. Antes desse período, a narrativa sobre as mulheres era frequentemente enviesada, atribuindo-lhes um estigma de submissão tanto sexual quanto material, conforme aponta Piori (1995).

Durante a era colonial no Brasil, havia duas categorias de mulheres: as senhoras e as escravas. Embora enfrentassem condições sociais distintas, ambas compartilhavam a característica comum de submissão aos homens. As mulheres eram frequentemente colocadas em uma posição de inferioridade, vivendo reclusas e sob a autoridade do pai, que decidia sobre seus casamentos. Após o matrimônio, a mulher passava a estar sob a autoridade do marido. Conforme observado por Konkel, Cardoso e Hoff:

A sociedade brasileira em formação, na época colonial, frequentemente seguia o modelo patriarcal já enraizado na cultura local. Ao casar, a mulher deixava a tutela do pai para se submeter à do marido. Os casamentos ocorriam bem cedo na vida das mulheres (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005, p. 42).

Nesse contexto, a vida das mulheres era sinônimo de submissão, sendo elas sempre subordinadas a alguma autoridade, primeiro do pai e, após o casamento, do marido. Eram frequentemente vistas como emocionalmente instáveis e irracionais, enquanto os homens eram associados à razão e à força.

Esse sistema patriarcal impactou a participação das mulheres na sociedade, limitando sua presença em questões sociais e políticas. Elas eram vistas apenas como complementares e não tinham direito ao voto, algo que só mudou na década de 1930. No entendimento patriarcal, as mulheres eram consideradas incapazes de ocupar cargos públicos e eram destinadas a papéis de mãe, filha e esposa, com a missão de servir maridos e filhos.

A educação e criação das mulheres visavam prepará-las para o casamento, a vida doméstica, a procriação, o cuidado com os filhos e a

obediência ao marido, sem permissão para exercer profissões. Nas classes mais pobres, contribuíam para o sustento familiar como costureiras, lavadeiras ou empregadas domésticas. Nessas funções, mesmo sem remuneração, recebiam alimentação e vestuário, ajudando nas despesas familiares. Algumas, por extrema necessidade, recorriam à prostituição (Konkel, Cardoso e Hoff, 2005).

Segundo Bonfim e Brito (2012), as mulheres naquela época tinham obrigações, mas não eram contempladas com direitos. Eram vistas como inadequadas até mesmo para receber educação, já que isso lhes era proibido. Durante a era colonial, a honra de uma mulher, no contexto antes do casamento, estava ligada à sua virgindade. A mulher deveria ter sua vida sexual preservada, podendo ter uma vida ativa após o casamento, se antes disso, ela tivesse relações, era descartada e até malvista pela sociedade em que vivia.

Freire (1954, p. 167) assinala a mulher, na formação patriarcal no Brasil, como “[...] vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido.” Com a ideia do sociólogo, ele também diz que “[...] não convém, entretanto, esquecer-se do sadismo da mulher quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual.” Ao analisar essa citação, percebe-se que as mulheres que possuíam mais influência sobre as outras, especificamente as negras, que despertavam inveja por sua maior força e beleza. Isso resultava em uma condição de trabalho para as mulheres negras mais árdua do que o normal.

No período colonial, “as mulheres tiveram acesso restrito ou nulo à escolarização, podendo em alguns casos estudar em casa, com preceptores, ou em alguns conventos visando a vida religiosa” (Stamatto, s.d, p. 2). Desde a chegada dos jesuítas o ensino era dirigido pela igreja. O ensino era e destinado ao homem branco de elite. As mulheres ficaram excluídas do sistema escolar estabelecido pela colônia. Caso houvesse abertura para estudarem, elas deveriam estudar na catequese, pois, como já foi mencionado, as mulheres eram vistas e destinadas para o lar, seja no casamento ou no trabalho doméstico.

Segundo Maia (2023), as mulheres eram frequentemente consideradas como não cidadãs e, mesmo quando reconhecidas como tal, eram tratadas como de segunda classe. Elas não tinham a oportunidade de expressar suas opiniões ou oferecer sugestões. A sociedade as via como intelectualmente inferiores aos

homens, que justificavam essa visão com base na suposta fragilidade e emotividade feminina.

De acordo com Saffioti (1969), as mulheres durante aquele período enfrentavam uma intensa opressão social, econômica e familiar. A submissão feminina era resultado da falta de informação, da juventude, do casamento em idade precoce e do confinamento ao lar, do qual saíam apenas para ir à igreja, sempre acompanhadas. Essa subserviência, junto com sua limitação geográfica e um universo sociocultural restrito, era aceita por elas e pela sociedade sem questionamentos.

Na era colonial, os homens eram favorecidos por benefícios sociais, e todas as ações eram direcionadas para atender às aspirações de riqueza, que formavam o imaginário masculino. As mulheres tinham uma posição inferior, uma condição social que impactou sua imagem por muitos anos.

Com a revolução econômica, as mulheres começaram a desempenhar novos papéis na sociedade, alterando sua condição na época. Na ausência de maridos, pais ou irmãos, elas assumiam o comando das casas e fazendas, tornando-se a base familiar. Mesmo assim, ainda enfrentavam dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Enquanto algumas mulheres se destacavam social e politicamente, a maioria continuava em situações de inferioridade, submissão e violência.

Durante o Império, as constantes guerras e revoluções trouxeram mudanças à dominância masculina. Konkel, Cardoso e Hoff mencionam que esses conflitos, apesar de serem predominantemente masculinos, proporcionaram às mulheres oportunidades de atuação (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005).

Durante o período imperial, as mulheres começaram a trabalhar em suas próprias residências, gerando renda através de habilidades domésticas, enquanto equilibravam suas funções como esposas e mães. Embora se ocupassem com o ambiente familiar e suas atividades de venda, a posição social delas permaneceu a mesma, exceto pelo fato de ganharem um dinheiro extra sem precisar sair de casa. Konkel, Cardoso e Hoff afirmam que, “Enquanto um pequeno número de mulheres se destacava diante da vida social e política, a maioria vivia em situação de inferioridade, submissão e violência” (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005, p. 48).

Esperava-se que a mulher fosse o modelo ideal de boa esposa e mãe, cuidando do lar e educando os filhos, seguindo os valores cristãos e as tradições romanas. Para elas, a dedicação total ao lar e à família era uma expectativa, o que incluía atenção completa às tarefas domésticas e ao cuidado das crianças.

O sistema em que a maioria das mulheres vivia consolidou-se apenas no início do século XIX. No entanto, para mulheres escravizadas ou livres, mas de origem humilde, a situação não mudou. Já as mulheres da elite começaram a experimentar mudanças com a urbanização, ultrapassando os limites domésticos ao frequentar igrejas, teatros e eventos sociais, ampliando suas interações sociais. Apesar disso, a valorização das mulheres ainda era limitada, já que a sociedade esperava que elas fossem educadas para permanecerem em casa cuidando de suas famílias. Contudo, no final do século XIX, as contribuições femininas começaram a ganhar visibilidade na literatura e em outros âmbitos públicos. Elas começaram a se integrar à sociedade, inicialmente como professoras ou escritoras. O movimento feminista desempenhou um papel crucial na sociedade brasileira do século XIX.

No século XIX, algumas mulheres brasileiras começaram a manifestar descontentamento com os papéis tradicionais que lhes eram impostos pela sociedade dominada por homens, limitando suas oportunidades de vida. A falta de acesso à educação formal significava que poucas mulheres eram alfabetizadas até o final desse século, o que dificultava uma compreensão mais ampla do mundo. A escrita, como meio de expressar desejos e opiniões, estava fora do alcance da maioria. Nos raros documentos escritos daquela época, a educação emergia como uma possível via para melhorar condições sociais e lutar por igualdade e justiça.

Com a chegada do século XX, as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, principalmente nas fábricas. No entanto, essa participação não lhes garantia o mesmo respeito que uma mulher dedicada exclusivamente ao lar recebia. Elas eram remuneradas de forma inferior aos homens, pois eram vistas como menos qualificadas, e frequentemente perdiam seus empregos ao casar ou engravidar. As fábricas tinham uma reputação negativa, consideradas locais de corrupção moral, tanto para solteiras quanto casadas, devido às longas horas de trabalho, más condições de higiene e casos frequentes de assédio (Gonçalves; Ternovoe, 2017).

Apesar de algumas mulheres terem começado a trabalhar fora de casa, isso não resultou em mudanças drásticas na situação de subordinação que existia desde o período colonial. A responsabilidade feminina ainda estava fortemente ligada às tarefas domésticas, mesmo quando tinham empregos externos. A mulher que trabalhava fora ainda mantinha a responsabilidade pelo bom funcionamento da casa, cuidado dos filhos e bem-estar do marido. Nas últimas décadas do século XX, a maior educação e profissionalização das mulheres proporcionaram a elas um contato social mais amplo e persistente.

Apesar das raízes históricas do sistema social patriarcal abordadas ao longo da pesquisa, as mulheres do século XXI têm se destacado cada vez mais como protagonistas na sociedade contemporânea. Elas estão assumindo novos papéis além dos tradicionais de dona de casa, mãe e esposa, e estão presentes em posições no mercado de trabalho, além de ocuparem cargos de liderança em escolas, universidades, empresas, cidades e até mesmo países. Hoje em dia, as mulheres têm a liberdade de escolher onde querem trabalhar e estudar, sem a necessidade de permissão de pais ou maridos. Elas se inseriram no mercado de trabalho e estão conquistando espaço em áreas que anteriormente eram dominadas exclusivamente por homens, tradicionalmente vistos como símbolos de força e resistência, características consideradas essenciais para essas funções. No entanto, apesar desse progresso, as mulheres ainda enfrentam menores taxas de participação no mercado de trabalho, níveis mais altos de informalidade nas relações de trabalho e salários inferiores aos dos homens (Alves, 2016)

Costa e Soares (2023) destacam que, apesar dos avanços significativos nas condições de vida das mulheres, elas ainda enfrentam discriminação no ambiente de trabalho. As mulheres são frequentemente rejeitadas simplesmente por seu gênero e são vistas como incapazes, devido à histórica associação apenas com atividades domésticas. Embora as desigualdades tenham diminuído ao longo das últimas décadas, a redução das disparidades de gênero tem ocorrido de forma lenta ou até mesmo estagnada. Isso se deve, não apenas às discriminações presentes no mercado de trabalho, mas também às persistentes normas culturais e sociais que dividem o trabalho em produtivo e reprodutivo, além das dificuldades práticas e institucionais para equilibrar família e carreira.

No século XXI, as mulheres continuam a enfrentar desafios contra desigualdades, preconceitos e normas sociais, tanto em suas vidas pessoais quanto profissionais, uma luta que remonta aos períodos colonial e imperial.

2.1 A maternidade e os desafios enfrentados pelas mães

Vamos examinar como o Dicionário Online de Português (2024) descreve o conceito de **maternidade**. De acordo com ele, ser mãe significa: “1. A condição ou característica de ser mãe, tanto no sentido de dar à luz quanto de criar uma criança; 2. O estado de estar grávida ou ter dado à luz; 3. A responsabilidade de uma mulher em educar, cuidar, oferecer carinho, amor e proteção a um filho. No aspecto jurídico, é definido como 3. O vínculo de parentesco que une a mãe aos seus filhos”.

Conforme essa descrição, a maternidade está completamente associada à figura feminina, que é vista nas suas capacidades de gestar ou de ter dado à luz. A maternidade envolve o cuidado e a proteção proporcionados pela mulher. Supõe-se que a mulher tenha um instinto materno inato, já que, como mencionado, a maternidade está intimamente ligada à mulher. No entanto, alguns estudiosos argumentam que a “natureza materna” não é algo inerente, mas sim algo fortalecido por fatores sociais, históricos e psicológicos.

No livro “Um amor conquistado: O mito do amor materno” de 1985, Elisabeth Banditer discute que o amor materno não é uma característica inata das mulheres, mas sim uma construção social e psicológica desenvolvida ao longo do tempo. Banditer sugere que o desejo de ter filhos não se limita apenas a influências sociais, mas também está relacionado a fatores psicológicos impostos sobre as mulheres. Além disso, ela destaca que o cuidado materno não é apenas uma questão de afeto, mas também envolve a imposição de valores sociais, religiosos e morais. A maternidade é considerada uma função feminina, uma vez que apenas mulheres podem dar à luz. Nas sociedades atuais, as mulheres ainda são responsáveis pela maior parte das atividades domésticas, como limpeza, cozinha, costura, cuidado infantil e, especialmente, os cuidados com bebês.

No texto “Gênero: uma perspectiva global”, de Conell e Pearse (2015), as autoras explicam que as mulheres geralmente ocupam cargos em serviços,

desempenhando papéis relacionados ao trabalho administrativo, atendimento ao cliente, limpeza, alimentação, e em profissões de cuidado como ensino fundamental e enfermagem. Em contrapartida, em nível mundial, os homens prevalecem em posições de gestão, contabilidade, direito e em áreas técnicas, como engenharia e tecnologia da informação. A análise disso revela o conceito que as autoras chamam de “funções femininas e masculinas”, que são as expectativas sociais sobre o papel de homens e mulheres.

Connell e Pearse (2015) observam que as mulheres constituem uma parte significativa da força de trabalho, especialmente em empregos menos valorizados economicamente.

Segundo as autoras mencionadas, certos tipos de trabalho são frequentemente ligados a uma visão cultural das mulheres como pessoas cuidadoras, gentis e dedicadas, sempre dispostas a se sacrificar pelos outros, sendo vistas como “boas mães”. Conforme a perspectiva de Connell e Pearse (2015), as mulheres geralmente recebem tarefas mais simples que não exigem grande esforço físico, o qual é tradicionalmente associado aos homens, visto que eles são considerados fisicamente mais aptos para essas atividades. Além disso, existe a ideia de que as mulheres devem encarnar a doçura e a capacidade de sacrifício materno. Aquelas que não se encaixam nessas “funções femininas” muitas vezes não são bem aceitas pela sociedade.

No texto de Connell e Pearse (2015), é mencionado que além do trabalho remunerado, existe outro tipo de trabalho – o doméstico e de cuidados, que não é remunerado. A filósofa Sílvia Federici discute essa forma de trabalho não pago, geralmente desempenhado por mulheres. Na análise de Scoz et al. sobre o livro “O ponto zero da revolução” de Federici (2019), os autores destacam que “durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto os homens estavam na linha de frente nos campos de batalha, as mulheres passaram a ser trabalhadoras e responsáveis pelo sustento das famílias” (Scoz et al., 2020, p. 1). Isso evidencia as expectativas sociais em relação aos papéis de gênero, que se consolidaram nesse período. Enquanto os homens eram enviados para a guerra sem garantia de retorno, as mulheres tinham a responsabilidade de cuidar do lar, criar os filhos e manter o casamento.

Federici destaca em sua obra que o trabalho doméstico é diferente de outras formas de trabalho. Ele representa a manipulação mais generalizada e a

violência mais sutil que o capitalismo já impôs a qualquer grupo da classe trabalhadora (Federici, 2019). Ao refletir-se sobre essa citação, percebe-se que o capitalismo convence as mulheres de que as tarefas domésticas são naturais, inevitáveis e intrínsecas, além de trazerem satisfação pessoal. Isso faz com que elas aceitem realizá-las sem receber pagamento. Contudo, o fato de o trabalho doméstico não ser remunerado torna-se uma ferramenta poderosa para reforçar a ideia de que não se trata de um trabalho real, impedindo assim que as mulheres se oponham a essa condição.

Segundo a autora, o sistema capitalista criou um mecanismo que opera às custas das mulheres. Ao assumir que as tarefas domésticas fazem parte da essência feminina, o capitalismo estabelece essas atividades como um alicerce na distribuição do trabalho dentro das famílias. Analisando o texto, nota-se que a diferença em relação ao trabalho doméstico está no fato de que ele foi não apenas imposto às mulheres, mas também foi transformado em um traço natural da mente e personalidade femininas, uma necessidade interna, um desejo que supostamente emerge da essência feminina. O trabalho doméstico foi convertido em um traço natural em vez de ser reconhecido como trabalho propriamente dito, com o objetivo de não ser remunerado (Federici, 2019).

Para a filósofa, a família e o trabalho doméstico são fundamentais para a estrutura do capitalismo. O sistema capitalista impacta negativamente tanto as mulheres quanto os homens da classe trabalhadora, pois os homens são convencidos a manter um emprego e ter uma parceira que cuide deles e dependa deles. Ela afirma que as mulheres geralmente permanecem em suas posições, não por falta de iniciativa ou devido a limitações culturais, mas porque são condicionadas a se sentir mais responsáveis pela manutenção de suas famílias (Federici, *op. cit.*). No seu texto, ela menciona que três fatores principais contribuíram para o aumento da carga de trabalho das mulheres e o retorno às atividades dentro do lar. Primeiro, as mulheres se tornaram fundamentais para a globalização econômica. Em segundo lugar, a importância do trabalho doméstico aumentou devido à expansão do “trabalho em casa”, resultado tanto da descentralização da produção industrial quanto do crescimento do trabalho informal. Finalmente, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a transformação na reprodução não eliminaram as desigualdades de gênero no ambiente profissional.

Em relação a essa discussão sobre o trabalho não pago da reprodução, a autora Elisabeth Badinter apresenta em seu livro “O Conflito: A Mulher e a Mãe” uma perspectiva semelhante à de Federici. Segundo ela, a disparidade salarial entre homens e mulheres, reflexo de uma crise de igualdade, tem suas raízes na divisão desigual das responsabilidades domésticas e familiares. Tanto nos dias de hoje quanto há duas décadas, as mulheres continuam assumindo a maior parte dessas tarefas (Banditer, 2011). De acordo com Elisabeth Badinter, os mundos masculino e feminino eram nitidamente distintos, e a complementaridade de papéis e funções reforçava o sentimento de identidade específica para cada gênero. Badinter propõe uma reflexão relevante: “Quem é a mãe? Aquela que fornece o óvulo, que carrega a criança ou que a educa? Nesse contexto, o que distingue essencialmente a paternidade da maternidade?” As mães desempenham múltiplos papéis vinculados à maternidade. Existem distinções entre maternidade e paternidade, e sem o suporte dos pais, as mães acabam assumindo ambos os papéis.

Com esse problema evidente, muitas mulheres demoram mais do que outras para terminar seus cursos de graduação devido à maternidade, situação que pode levá-las a abandonar os estudos. De acordo com Oliveira e Souza (2021), os principais desafios vêm de várias frentes, como cuidar dos filhos, dedicar-se às atividades acadêmicas, deslocar-se para a faculdade, necessidade de trabalhar, dificuldades financeiras, problemas de moradia e desafios psicológicos e emocionais. Com base nisso, irei descrever alguns dos desafios enfrentados por mães universitárias em sua jornada para concluir seus estudos e garantir o direito à educação superior.

Segundo Velho et al. (2006) no estudo sobre ciência, tecnologia e gênero, destaca-se que as mulheres ingressam na universidade, mas enfrentam diversos obstáculos ao tentar equilibrar a vida acadêmica com suas responsabilidades pessoais. O estudo observa que algumas mulheres acabam optando por uma dessas áreas em detrimento da outra. Quando escolhem seguir uma carreira científica, elas enfrentam o dilema entre a maternidade e as obrigações familiares versus as demandas acadêmicas. Algumas mulheres escolhem priorizar a família, outras se dedicam à academia, e há aquelas que buscam conciliar ambos os aspectos. Para essas mulheres, a tarefa não é fácil, pois precisam se desdobrar para gerenciar suas múltiplas atividades, enquanto lidam

com a culpa de não poder se dedicar mais aos filhos e de não atingir a produtividade desejada na academia.

Nesta análise, observa-se a introdução do termo “escolha”, que se refere à carga adicional que as mulheres enfrentam ao optar pela carreira acadêmica, em comparação com aquelas que decidem não prosseguir com os estudos. Assim, elas precisam administrar os conflitos constantes entre a maternidade e as responsabilidades familiares e domésticas, equilibrando esses papéis e lidando com a sensação de culpa por não se dedicarem totalmente nem aos filhos nem ao trabalho acadêmico. Bitencourt (2013) reforça essa perspectiva ao afirmar que as mulheres acadêmicas, ao tentarem equilibrar carreira e maternidade, enfrentam desafios para adotar o discurso da produtividade que exige dedicação total à vida acadêmica, já que precisam dividir seu tempo com outras obrigações, como os familiares. Isso resulta em dificuldades para se adaptarem ao ambiente competitivo do meio acadêmico. A autora sugere que, para alcançar produtividade na academia, as mulheres que são mães passam por muitos conflitos, tornando o conceito de dedicação exclusiva impraticável devido a outras responsabilidades, como o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas.

Em sua pesquisa de conclusão de curso, a cientista social Lusiene Araújo da Conceição Dias destaca que a maternidade envolve uma série de atividades que ocorrem diariamente no ambiente doméstico. As mães enfrentam inúmeras situações que demandam comprometimento, dedicação e precisão no desempenho dessas tarefas. Além disso, elas lidam com os desafios da vida doméstica, alternando entre os cuidados com os filhos e a manutenção da limpeza e organização da casa. As mães carregam a maior carga de tarefas, e para aquelas que também são estudantes universitárias, isso resulta em uma diminuição na produtividade científica e na realização de atividades acadêmicas, devido aos muitos papéis sociais que desempenham sem uma rede de apoio efetiva (Dias, 2021).

A maternidade, sob esta perspectiva, é um dos desafios enfrentados por mulheres que desejam ingressar e completar um curso superior. Quando a maternidade é vivida sem assistência, torna-se complicado conciliar a vida acadêmica com as exigências e responsabilidades de criar um filho. Dias (2021) aponta que as mães universitárias, mesmo no contexto atual do século XXI,

ainda enfrentam preconceitos de uma sociedade patriarcal, onde a mulher era vista como a responsável pelo lar e pelo cuidado dos filhos, deixando pouco espaço para outras atividades ao longo da vida.

O preconceito de gênero enfrentado pelas mulheres surge devido à ideia de que seu papel está associado ao ambiente doméstico, como se fosse um estigma inerente a elas. Essa concepção do “lugar” feminino sugere que as mulheres deveriam permanecer em casa cuidando dos filhos, em vez de buscar conhecimento em uma universidade. Ao optar por cursar o ensino superior, as mulheres enfrentam a dificuldade de equilibrar os estudos com a maternidade. Um dos principais obstáculos é justamente conciliar as responsabilidades maternas com as demandas do curso, além de lidar com a falta de tempo para estudar, considerando também a carga horária de trabalho. Esses desafios acabam impactando sua trajetória acadêmica.

A chegada de um filho para mulheres que estão na universidade apresenta uma série de desafios e obstáculos, frequentemente relacionados ao preconceito de gênero e à dificuldade de equilibrar a maternidade com a vida acadêmica. Essa situação impacta a formação acadêmica da mulher e também afeta a vida da criança, pois é preciso dividir o tempo entre as responsabilidades maternas e as demandas universitárias (Pereira; Santos e Silva, 2022).

Inicialmente, a mulher enfrenta o estigma de que seu papel principal seria em casa, cuidando dos filhos, uma ideia que vem de normas sociais antigas. Assim, a possibilidade de ter que escolher entre a educação e a maternidade é vista como inaceitável. Além disso, a criança também é impactada pela necessidade da mãe de balancear suas atividades de estudo com os cuidados parentais.

No ambiente universitário, ainda se observa a predominância do patriarcado, ou seja, a percepção de que este espaço é exclusivo para homens persiste, apesar das estatísticas atuais mostrarem que a maioria é composta por mulheres. Depois de entrarem na universidade, elas enfrentam desafios para se manterem lá. De acordo com Urpia (2009), a dupla jornada de ser mãe e estudante universitária acarreta diversos impactos negativos na vida acadêmica, como atrasos frequentes e faltas, além de uma menor capacidade de compreender os conteúdos. Tudo isso é resultado do desgaste físico e mental causado pela rotina de cuidar de uma criança.

É inegável que essa dificuldade afeta o aprendizado de mães que estudam. Muitas vezes, a impossibilidade de equilibrar as responsabilidades leva as mães a abrirem mão do tempo com seus filhos, que acabam sob os cuidados dos avós, criando uma grande dependência do apoio de terceiros. Portanto, fica evidente que os desafios para equilibrar as demandas maternas e acadêmicas são numerosos. Assim, é necessário existir uma estrutura legal que ofereça apoio para ajudar essas mulheres em sua jornada. Nesse contexto, o auxílio-creche disponibilizado pelas universidades se mostra crucial para resolver, ou pelo menos mitigar, o problema. O próximo tópico abordará esse auxílio em maior detalhe.

2.2 Auxílio-creche como política pública na universidade estadual do maranhão

O benefício de auxílio-creche é um direito assegurado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Ele consiste em um apoio financeiro fornecido por empresas e universidades que não dispõem de instalações adequadas para crianças. Nesses casos, é pago um valor para que mães com filhos de até 5 anos e 11 meses possam matricular suas crianças em creches, conforme estabelecido na Lei n.º 14.457/2022. No Brasil, o auxílio-creche foi introduzido durante a década de 1980, em resposta à crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, que frequentemente não tinham onde deixar seus filhos. O montante desse benefício pode variar dependendo da organização ou empresa que o concede.

No estado do Maranhão, o programa Auxílio-Creche integra o Programa de Assistência Estudantil da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEXAE). Esta assistência financeira mensal foi estabelecida em 2017, conforme as Resoluções N.º 229/2017-CAD/UEMA e N.º 410/2023-CAD/UEMA.

De acordo com a Resolução N.º 229/2017 – CAD/UEMA, o objetivo do auxílio creche é promover a permanência dos estudantes no ensino superior, diminuindo a evasão acadêmica associada à maternidade. Ele proporciona suporte financeiro para cobrir despesas com creches, garantindo que estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica possam participar plenamente

das atividades acadêmicas de graduação. O auxílio é destinado a estudantes com filhos nascidos antes ou durante sua jornada acadêmica, com a finalidade de apoiar as mães estudantes na conclusão de sua formação profissional.

Conforme a resolução, o Programa Auxílio Creche, conhecido como PROAC, era uma assistência financeira mensal e temporária. Este programa foi instituído com o propósito de fornecer suporte econômico a estudantes regularmente matriculados em cursos presenciais de graduação na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que comprovem estar em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A intenção era ajudar na redução do abandono acadêmico relacionado à maternidade. O valor do auxílio e o número de beneficiários seriam determinados através de um edital. Para que os alunos pudessem solicitar o Auxílio Creche, precisariam cumprir uma série de requisitos, incluindo: estar regularmente matriculado em um curso presencial de graduação na UEMA; comprovar sua condição de vulnerabilidade socioeconômica; ter concluído o Ensino Médio em escola pública; ter um filho com menos de 5 anos e possuir a guarda da criança. A continuidade do Auxílio Creche dependia do desempenho acadêmico satisfatório do aluno, que deveria ter um coeficiente igual ou superior a 7,0, além de não ter reprovação por falta.

Em 2023, a Resolução n.º 229/2017-CAD/UEMA foi modificada, transformando-se na Resolução n.º 410/2023-CAD/UEMA. Essa atualização incluiu a possibilidade de crianças com deficiência, até 12 anos de idade, serem contempladas, desde que os pais apresentem um relatório médico comprovando a deficiência. Informações estáticas divulgadas no site oficial da PROEXAE/UEMA indicam que, em 2022, foram oferecidas 42 bolsas para todos os campi da UEMA, das quais 10 foram direcionadas ao campus de Caxias-MA. Em 2023, o número de bolsas aumentou para 80, com 11 destinadas ao campus de Caxias-MA. Em 2024, foram disponibilizadas 90 bolsas para o Auxílio Creche, e 12 delas foram alocadas para o campus de Caxias-MA.

No que diz respeito ao montante do auxílio, em 2017, o valor estava fixado em R\$ 200,00 (duzentos reais). Nos anos de 2022 e 2023, houve um reajuste, elevando o valor para R\$ 300,00 (trezentos reais). Em 2024, o auxílio será aumentado para R\$ 500,00 (quinhentos reais).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Este é um estudo exploratório e descritivo com uma abordagem qualitativa. Segundo Sampaio (2022), “o objetivo da pesquisa exploratória é aumentar o conhecimento do pesquisador sobre uma questão específica”. A mesma autora afirma que “a pesquisa descritiva tem como propósito identificar as características de uma realidade específica a ser investigada”.

Conforme Sampaio (2022), a pesquisa qualitativa valoriza a perspectiva individual como essencial para uma compreensão mais profunda das estruturas sociais e organizacionais, algo que a pesquisa quantitativa não consegue fornecer adequadamente. Além disso, para entender o fenômeno dentro desse contexto, a interpretação é realizada por meio de procedimentos metodológicos.

3.2 Local de estudo

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual do Maranhão do Campus Caxias, no município de Caxias, localizada no Morro do Alecrim, Morro, s/n – Caxias/MA CEP 65.600-000, Caxias – MA, 4,3 km.

3.3 População e amostra

A pesquisa teve como foco três mães universitárias que recebem o Auxílio-creche no Campus Caxias da Universidade Estadual do Maranhão. Para participar, era necessário ser uma mãe universitária matriculada na UEMA, Campus Caxias, e beneficiária do Auxílio-creche. Mães que não recebem esse auxílio foram excluídas do estudo.

3.4 Coleta de dados

Durante o mês de dezembro de 2024, foram coletados os dados por meio de um questionário estruturado. Esse questionário foi distribuído via Whatsapp

e as respostas foram coletadas individualmente através da plataforma online Google Forms.

3.5 Análise dos dados

O estudo foi conduzido em várias fases, começando com a organização do material. Depois, procedeu-se a uma leitura aprofundada sobre o tema com o intuito de interpretar as informações coletadas.

Os dados foram examinados, interpretados e descritos de forma qualitativa. A análise será feita através do método de análise de conteúdo, aplicando a técnica de categorização proposta por Bardin.

Em conformidade com Bardin (2011, p. 177),

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

O objetivo da categorização será facilitar a visualização de métodos de classificação e categorias analíticas, podendo ser estabelecidas tanto anteriormente quanto posteriormente por meio da simplificação dos dados brutos.

De acordo com Sampaio (2022), entre os métodos de tratamento de dados no contexto qualitativo estão: a seleção, que consiste em uma análise crítica de todas as informações coletadas, buscando identificar falhas que possam comprometer os resultados; a codificação, com a finalidade de agrupar os dados brutos transformando-os em códigos ou conceitos para uma interpretação mais eficaz; e a tabulação, que visa organizar os códigos criados para uma representação mais clara.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Depois de analisar a trajetória das mulheres no Brasil e a implementação do Auxílio-creche tanto no Brasil como no estado do Maranhão, especialmente na UEMA Campus Caxias, foi realizado um levantamento das mães que receberam esse benefício, permitindo que elas contribuíssem na elaboração do discurso sobre o tema, ao qual foram submetido questionário. Desde 2017 até 2024, foram publicados 08 editais, beneficiando algumas mães em todos os campi da Universidade Estadual do Maranhão. No site oficial da PROEXAE, está listado o número de mães e pais que receberam o auxílio entre os anos de 2022 a 2024 no Campus Caxias. A tabela a seguir apresentará os dados coletados.

Quadro 1 – Editais e vagas do Auxílio-creche na UEMA Campus Caxias.

Edital 2022 – 04/2022	10 vagas
Edital 2023 – 06/2023	11 vagas
Edital 2024 – 05/2024	12 vagas

Fonte: PROEXAE (2024).

Após encontrar os números do quadro acima, iniciou-se a busca por mães que tivessem recebido o auxílio. Os critérios para selecionar as participantes da pesquisa foram construídos considerando o tipo de graduação, ou seja, mães que cursam ou cursaram graduação: licenciatura, a condição socioeconômica delas e terem filhos na idade de 5 anos e terem sido contempladas com o auxílio-creche desde 2017 a 2024, oferecido pela UEMA Campus Caxias. Com o mapeamento e identificação das mães concluído, um formulário foi criado no Google Forms e enviado via WhatsApp para coletar as respostas do questionário. Três mães responderam ao questionário:

- Antônia Erlen Franco de Sousa, 30 anos, cursa o 8º período de pedagogia;
- Everlly Silva Bezerra de Lima, 35 anos, casada, cursou História;
- Tamara Silva Nascimento, 24 anos, solteira, cursa o 10º período de Física;

4.1 Período de recebimento do auxílio-creche

Para este momento foram verificados o período de recebimento do auxílio-creche das entrevistadas e por quanto tempo elas o receberam. Obteve-se as seguintes respostas, conforme mostram os quadros abaixo:

Quadro 2 – Período de recebimento do auxílio-creche.

Tamara	2020/2022
Antônia	2024
Everlly	2020/2021

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Quadro 3 – Tempo de recebimento do auxílio-creche.

Tamara	2 anos (com intervalo de tempo)
Antônia	1 ano
Everlly	2 anos

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Com base nas declarações das mães, fica evidente que Tamara e Everlly conseguiram manter o auxílio-creche por um período superior a um ano, ainda que com algumas pausas, como aconteceu com Tamara. Já a mãe, Antônia, obteve o benefício no seu último semestre na universidade, algo que ela explica com suas próprias palavras ao afirmar:

Antônia: “É a primeira vez que recebo o auxílio, pelo fato de ter engravidado recente”. (Resposta obtida por questionário no dia 28 de dezembro de 2024)

É evidente que o programa atinge suas metas, já que, conforme informações da PROEXAE, o auxílio-creche tem como objetivo ajudar estudantes que tiveram filhos antes ou durante sua trajetória acadêmica (PROEXAE, 2017). As mães têm direito a receber o benefício até que seus filhos completem 5 anos, 11 meses e 29 dias.

4.2 Benefícios do auxílio-creche para as mães

Quando questionadas sobre os benefícios do auxílio-creche, obteve-se as seguintes respostas:

Resposta da Antônio: “No início eu levava meu filho para faculdade. O auxílio me ajudou a pagar alguém pra ficar com meu filho, no caso a babá ou cuidadora. Para eu poder ir para as aulas e estágios. Assim me dedicar mais nas aulas sem preocupação de ter que levar meu filho nas aulas na faculdade” (Resposta obtida por questionário no dia 28 de dezembro de 2024).

Resposta da Tamara: “Redução das preocupações com o bem-estar da filha, permitindo maior foco e eficiência nas atividades acadêmicas” (Resposta obtida por questionário no dia 1º de janeiro de 2025).

Resposta da Everlly: “Foi um auxílio que ajudou a complementar a renda familiar, me dando condições para não abandonar o curso, já que ao mesmo tempo em que eu estudava também conseguia ajudar com as despesas de alimentação e higiene do meu filho” (Resposta obtida por questionário no dia 4 de janeiro de 2025).

Ao examinar as respostas das participantes, observou-se semelhanças e diferenças tanto no conteúdo quanto na maneira como as mães perceberam os benefícios do auxílio-creche em suas jornadas acadêmicas.

Assemelham-se as respostas ao destacarem que o auxílio-creche foi crucial para mitigar as dificuldades enfrentadas na universidade, permitindo que continuassem seus estudos e se dedicassem às atividades acadêmicas. Essas respostas evidenciam a eficácia do auxílio, uma vez que, de acordo com as Resoluções N.º 229/2017-CAD/UEMA, N.º 410/2023-CAD/UEMA, N.º 407/2023-CAD/UEMA, o objetivo deste é contribuir para a redução da evasão acadêmica devido à maternidade (...) garantindo apoio financeiro (PROEXAE, 2023). Nas declarações das três estudantes, percebe-se que o auxílio foi fundamental para que não interrompessem suas graduações. Com esse benefício, Antônio pôde contratar alguém para cuidar de seu filho enquanto ela estudava; Tamara menciona que o auxílio diminuiu suas preocupações com sua filha, permitindo-lhe focar mais nas atividades acadêmicas.

De acordo com suas declarações, Antônia e Tamara destacaram a importância de diminuir as preocupações relacionadas ao cuidado dos filhos. Ao mencionar que levava seu filho para a universidade, ela confirma o que Gonçalves et al. (2024, p. 8) descobriram em seu estudo:

“Nesse contexto, ao buscarem uma saída ou abrigo para deixarem seus filhos em segurança, e ainda ir à universidade, uma das alternativas comum entre as entrevistadas é levar a criança para as aulas. (...) Esse cenário se torna um incômodo às mães-estudantes que temem atrapalhar a aula ou a vida do familiar que fica com o filho, transformando-se em um sentimento de culpa e impotência, além de acarretar danos psicológicos que estagnam sua vida acadêmica”.

Dias (2021, p. 37), diz que “sem acolhimento às crianças, elas (mães) têm que adaptar a maternidade num espaço projetado para pessoas sem esta condição”. Compreende-se que as mães são responsáveis pelo bem-estar da criança na universidade.

Antônia não expressou isso explicitamente em sua resposta, mas fica implícito que ela não se sente confortável em levar seu filho para a sala de aula. Viana (2024) explica que essa sensação surge da percepção de que o ambiente universitário não é apropriado para crianças, o que afeta a mãe que, “sem ter com quem deixar (a criança) a opção é levar para a aula de forma a não perder o conteúdo acadêmico (Viana, 2024, p. 41).

Ao receber o benefício do auxílio-creche, Antônia consegue uma alternativa para equilibrar sua vida acadêmica e a maternidade sem que nenhuma seja comprometida. A estudante Everlly destaca a contribuição financeira que o auxílio proporcionou à renda de sua família, resultando em menos preocupações no dia a dia. Além disso, o suporte foi fundamental para que ela pudesse continuar seus estudos na academia. Para as três mães, o auxílio-creche foi essencial para que pudessem prosseguir com seus estudos e manejar de forma mais eficaz as responsabilidades maternas e acadêmicas.

Ao examinar as variações nas respostas, percebe-se que cada uma possui um enfoque narrativo distinto. Antônia descreve como o apoio financeiro foi empregado diretamente, mencionando o pagamento de uma babá ou cuidadora, o que lhe permitiu assistir às aulas. Por outro lado, Tamara destaca

os benefícios emocionais e acadêmicos, apontando que a redução das suas preocupações com a filha levou a uma maior concentração e eficiência. Já Everlly enfatiza o auxílio financeiro direto, sublinhando como ele impactou positivamente a renda familiar, permitindo que ela continuasse seus estudos sem prejudicar a saúde e o bem-estar do filho.

No que diz respeito ao uso do auxílio, Antônia destinou o benefício exclusivamente para contratar uma cuidadora para seu filho. Tamara não detalha como utilizou o recurso, mas destaca que ele ajudou a reduzir suas preocupações pessoais. Por outro lado, Everlly relata que o auxílio foi empregado de forma mais abrangente, cobrindo despesas básicas como alimentação, higiene e cuidados infantis. As respostas evidenciam tanto o aspecto emocional quanto o prático do uso do auxílio. Antônia e Everlly foram objetivas em suas descrições, explicando claramente como aplicaram o recurso. Tamara, em sua resposta, focou mais nos efeitos emocionais e psicológicos, mencionando conflitos internos e o impacto positivo em sua eficiência acadêmica.

4.3 Dificuldades enfrentadas pelas mães no acesso ao auxílio-creche

Quando questionadas sobre as dificuldades para ter acesso ao auxílio-creche, obteve-se as seguintes respostas:

Resposta da Antônia: “Não tive tanta dificuldade. Pois os documentos exigidos são de fáceis acesso nós editais. E documentos pessoais meus e de meu bebê” (resposta obtida por questionário, dia 28 de dezembro de 2024).

Resposta de Tamara: “A falta de vagas suficientes” (resposta obtida por questionário, dia 1º de janeiro de 2025).

Resposta de Everlly: “As regras eram justas para mim, porém o valor de 200 reais, na época era esse o valor, não é considerado um valor suficiente para quem precisa pagar alguém pra cuidar do filho durante período de estudo. As comprovações que eram exigidas na época, se não me engano, era a declaração de matrícula do curso, histórico atualizado, declaração que não tinha vínculo empregatício,

comprovante de residência e registro de nascimento da criança. Não considero nenhuma delas desnecessária para aquisição do auxílio, mas bem tranquilas para poder receber” (resposta obtida por questionário, dia 4 de janeiro de 2025).

No referencial teórico deste estudo, foram descritos os critérios para a obtenção do auxílio-creche, que, por sinal, todas as participantes da pesquisa possuíam. Isso conduz à análise das respostas: Antônio e Everlly afirmaram que os documentos exigidos eram acessíveis e justos. Na declaração de Antônio, ela especifica que não enfrentou dificuldades, já que os documentos eram simples, e acrescenta que os critérios eram apropriados. Ela menciona documentos específicos e os considera necessários e pertinentes. Isso indica que a burocracia dos editais não impede o acesso ao benefício. Já na resposta de Tamara, ela não fala sobre dificuldades em obter o benefício, mas sim sobre o número insuficiente de vagas. Como mostrado no QUADRO 1, para a UEMA Campus Caxias, foram disponibilizadas, ao longo dos anos, entre 10 e 12 vagas para os cursos de graduação presenciais.

Antônio ressaltou aspectos financeiros, sempre discutindo diretamente a documentação relacionada ao valor do auxílio ofertado. Embora esse não seja o principal foco de sua fala, ela também menciona a conexão com seu filho, mostrando uma percepção de ligação financeira com a maternidade. De acordo com a pesquisa de Silva e Alves (s.d), as pesquisadoras identificaram que um dos desafios na conciliação entre estudos e maternidade é a questão financeira. Elas afirmam que “a maternidade ocupa bastante tempo dessas mulheres dificultando até mesmo obtenção de um trabalho nesse período” (Silva; Alves, s.d, p. 42546).

Nas respostas das alunas, percebe-se que cada uma teve uma interpretação diferente sobre as dificuldades de acessar o auxílio. Para Antônio, o processo é relativamente simples, já que os documentos eram fáceis e acessíveis. Tamara, no entanto, destaca a insuficiência de vagas, apontando que o problema não estava nos requisitos, mas nas limitações estruturais do programa. Everlly, por sua vez, considera o valor do auxílio inadequado para cobrir os custos do cuidado infantil, embora não veja os requisitos como barreiras para obter o benefício.

As respostas demonstram experiências variadas, moldadas por fatores pessoais, como a percepção de justiça dos critérios ou o impacto financeiro, e fatores estruturais, como a disponibilidade de vagas. Antônia e Everlly destacam a facilidade em cumprir os requisitos documentais, enquanto Tamara expõe uma crítica mais ampla sobre a quantidade de vagas disponíveis.

Conforme mencionado no QUADRO 2, Everlly recebeu auxílios nos anos de 2020 e 2021, com o valor naquela época sendo R\$ 200,00. Ela expressa insatisfação com esse montante, afirmando que é insuficiente para contratar alguém para cuidar de seu filho. Contudo, é importante lembrar que, a partir de 2023, o valor do auxílio foi ajustado para R\$ 500,00.

4.4 Percepção das mães sobre a contribuição do auxílio-creche para sua permanência na UEMA

Dando sequência as perguntas feitas às mães, em resposta sobre sua percepção do auxílio-creche para sua permanência na UEMA, as mães responderam o seguinte:

Resposta de Tamara: “O lado bom do auxílio é que ele se torna uma renda para que a mãe ou pai tenha de onde tirar para manter seu filho bem cuidado enquanto estuda. O lado negativo é somente o início do pagamento que deveria ser no início do ano para permanecer ao decorrer do ano e entrar em concordância ao calendário. No demais o auxílio é de grande ajuda, tanto creche quantos os demais auxílios” (resposta obtida por questionário no dia 1º de janeiro de 2025).

Resposta de Antônia: “O auxílio-creche foi fundamental para minha permanência na universidade. Entre os pontos positivos, destaco a tranquilidade de saber que meu filho está seguro e bem cuidado, permitindo que eu me concentre nos estudos. Além disso, o suporte financeiro alivia os custos, tornando viável continuar minha formação acadêmica. Por outro lado, como ponto negativo, acredito que seja a falta de maior quantidade de vagas” (resposta obtida por questionário no dia 28 de dezembro de 2024).

Resposta de Everlly: “O auxílio-creche me ajudou a ter um suporte financeiro em casa para cuidar das necessidades básicas do meu filho,

como alimentação e higiene, suprimindo a necessidade de eu trancar o curso para ir atrás de alguma outra renda para ajudar em casa, podendo me dedicar aos estudos e cuidar do meus filhos” (resposta obtida por questionário no dia 4 de janeiro 2025).

Ao analisar as respostas, é possível identificar tanto os benefícios quanto as limitações do auxílio-creche, demonstrando uma visão abrangente sobre seu papel na permanência das mães universitárias. No que diz respeito aos aspectos favoráveis, todas as participantes destacaram que o auxílio é um apoio financeiro crucial para arcar com as despesas associadas aos cuidados com as crianças.

Esse suporte garante que as estudantes não precisem interromper seus estudos para procurar outras fontes de renda, permitindo que elas coloquem a educação em primeiro lugar. Ao observar o depoimento de Antônia, percebe-se que o auxílio traz a ela a paz de espírito de saber que seu filho está sendo bem cuidado, o que melhora sua concentração e desempenho nos estudos. Everlly destaca que o benefício é fundamental para suprir as necessidades essenciais da criança, assegurando sua alimentação e higiene.

Tamara destaca que, segundo as mães, um aspecto negativo do auxílio é que ele deveria ser fornecido no começo do ano letivo e estar sincronizado com o calendário escolar para ser mais eficaz. Conforme os editais do auxílio, ele só começa a vigorar no meio do ano escolar e tem duração de um ano. Na visão da aluna, isso é prejudicial, pois o auxílio deveria começar junto com a volta das aulas, sempre no início do ano.

Antônia ressalta o desafio encontrado no acesso por conta do número restrito de vagas, o que pode restringir a abrangência do benefício. Sua resposta é similar à de Tamara, mencionada anteriormente, reforçando a necessidade de aumentar a quantidade de vagas nos editais.

Na pesquisa realizada por Dias (2021, p. 39), ela chega à conclusão que:

(...) as dificuldades enfrentadas pelas mães universitárias em ambiente físico da universidade são enormes, e assim há necessidade de leis que garantam a permanência na universidade garantindo a conclusão de curso, uma destas medidas é o Auxílio Creche, contanto, para reduzir os níveis de desigualdades de gênero no que tange às condições do exercício das atividades acadêmicas (...)

Com base nas respostas obtidas das entrevistadas, a pergunta norteadora desta pesquisa é respondida. O auxílio-creche se mostra como uma ferramenta fundamental para garantir a permanência das mães universitárias e que elas consigam concluir seus cursos de graduação na UEMA Campus Caxias, proporcionando apoio financeiro e tranquilidade emocional. No entanto, as respostas indicam a necessidade de melhorias na administração e na disponibilidade de vagas do programa, além de ajustes no cronograma de pagamentos, o que poderia aumentar sua eficácia e ampliar seu alcance. Essas respostas destacam a importância do auxílio na redução dos obstáculos enfrentados por essas mães e sua relevância para promover a igualdade no acesso à educação superior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o objetivo foi examinar como o auxílio-creche beneficia as mães da UEMA, no Campus de Caxias. Foram consultadas diversas fontes, como livros e artigos, para traçar a evolução e a posição social das mulheres desde a era colonial até o século XXI. O intuito foi compreender o percurso histórico das mulheres, a forma como a sociedade influencia a maternidade e o modo como o capitalismo se aproveita disso. Em seguida, foi abordada a definição do auxílio-creche e sua implementação no Brasil, com foco particular na Universidade Estadual do Maranhão. Também foram destacadas as normas e requisitos para acessar o benefício, os quais, segundo a pesquisa, não exigem documentação difícil de obter.

É essencial que as universidades, especialmente a UEMA, continuem lançando editais para ampliar o número de vagas, permitindo que mais mães recebam o auxílio. Recomendo que a Universidade vá além do benefício que está em vigor desde 2017, e, no futuro, adapte suas instalações para serem acessíveis a bebês, incluindo a criação de uma creche própria.

Constatou-se que o auxílio é fundamental para a permanência das mães na UEMA, oferecendo suporte financeiro e apresentando aspectos positivos, como a possibilidade de encontrar alguém para cuidar dos filhos. No entanto, um ponto negativo é o número restrito de vagas. Os questionários revelaram alguns dos desafios pessoais e educacionais enfrentados pelas mães, destacando suas prioridades e dificuldades individuais. Essa diversidade mostra como o auxílio-creche impacta várias áreas da vida das mães que estudam na universidade.

Esta pesquisa destaca claramente a carência de estudos sobre o auxílio-creche no contexto acadêmico e sua importância para a vida das mães universitárias que recebem ou desejam receber esse apoio. É importante mencionar que há uma quantidade limitada de pesquisas sobre este assunto, sugerindo a necessidade de mais estudos para que as mães e as universidades possam alinhar suas ações com as necessidades dessas mulheres. As limitações encontradas nesta pesquisa decorrem do reduzido número de participantes entrevistadas, o que pode influenciar os resultados obtidos. Apesar disso, os resultados foram satisfatórios e justificam o propósito do estudo, pois

foi possível identificar os benefícios reais do programa e a necessidade de melhorar suas políticas e aumentar o número de vagas disponíveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. E. D. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 629–638, maio 2016.
- BANDITER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1985.
- BANDITER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro. Record, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 229. Tradução de: *L'Análise de Contenu*.
- BITENCOURT, S. M. **Maternidade e carreira**: reflexões acadêmicas na fase do doutorado, Jundiaí: Paco editorial, 2013.
- BONFIM, B. C.; BRITO, A. A. A trajetória social, política e cultural da mulher no Brasil. **Revista do ministério público**. Rio de Janeiro: MPRJ, n. 43, jan./ mar, 2012.
- CONNELL, R.. PEARSE, R. **Gênero Uma perspectiva global**: Compreendendo o gênero – da esfera pessoal a política – no mundo contemporâneo. Tradução e revisão Marília Moschkovich. – São Paulo: nVersos, 2015.
- DEL PRIORE, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 217-235.
- DIAS, L. A. da C.. **Diálogos Maternos**: situações enfrentadas no período pandêmico da COVID-19 pelas mães universitárias do CESC/UEMA em Caxias-MA. Caxias: CESC/UEMA, 2021.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS**. Disponível em: www.dicio.com.br/maternidade/. Acesso em: 11 de dez. 2024.
- FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. 1. Ed. São Paulo: Elefante, 2019.
- FREIRE, G. **Casa Grande e Senzala**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1954.
- GONÇALVES, J. P.; TERNOVOE, J. dos S. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 116-142, 2017. ISSN 2177-2886.
- GONÇALVES, V. L. C. et al. Creche universitária e a permanência de estudantes-mães: as vozes de discentes do curso de pedagogia da

universidade federal do maranhão. **Teceres: revista da AINPGP**, v. 3, n. 1, 2024.

KONKEL, E. N.; CARDOSO, M. A.; HOFF, S. **A condição social e educacional das mulheres no Brasil Colonial e Imperial**. Roteiro, Unoesc, v. 30, n. 1, p. 35-60, jan./jun. 2005.

LIRA PEREIRA, A. L.; DOS SANTOS, B. G.; DA SILVA, L. R. MÃES UNIVERSITÁRIAS: A LUTA PELA CONCILIAÇÃO DA MATERNIDADE COM A UNIVERSIDADE. **South American Development Society Journal**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. 152, 2022. DOI: 10.24325/issn.2446-5763.v8i23p152-166. Disponível em: <https://sadsj.org/index.php/revista/article/view/508>. Acesso em: 26 dez. 2024.

MAIA, C. Mulheres e colonialidade nos 200 anos de Brasil (in) dependente. **Caderno espaço feminino**. Uberlândia, MG. v. 36. n. 2. jul./dez. 2023. ISSN 1981-3082. Disponível em: seer.ufu.br/index.php/neguem. Acesso em: 26 dez. 2024.

MASUR, L. H. B. (20003). **Sem filhos: a mulher singular no plural**. São Paulo. Editora Casa do psicólogo.

MELAZZO, E. S. Problematizando o conceito de políticas públicas: desafios à análise e à prática do planejamento e da gestão. **Revista Tópos**, v. 4, n. 2, p. 9-32, 2010.

MORAES DA COSTA, M. M.; SOARES, E. Divisão sexual do trabalho e os desafios enfrentados pelas mulheres trabalhadoras no Brasil do século XXI. **Revista Videre**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 304–322, 2023. DOI: 10.30612/videre.v14i30.16306. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/videre/article/view/16306>. Acesso em: 23 dez. 2024.

OLIVEIRA, T. V. de; SOUZA, M. A. de. Mães na graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. **Anais do VI do simpósio Gênero e políticas públicas**, v.6, Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/issue/view/anais-iv-sgpp>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PROEXAE, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis. **Mulheres representam 60% dos alunos de graduação na Uema**. 2024 Disponível em: <https://www.uema.br/2024/03/mulheres-representam-60-dos-alunos-de-graduacao-na-uema/#:~:text=As%20mulheres%20s%C3%A3o%20maioria%20entre%20os%20alunos,reitor%20Walter%20Canales%20expressou%20a%20import%C3%A2ncia%20desses>. Acesso em: 8 jan. 2025.

RESOLUÇÃO N.º 229/2017-CAD/UEMA. 2017. Disponível em: <https://www.proexae.uema.br/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

RESOLUÇÃO N.º 407/2023-CAD/UEMA. 2023. Disponível em: <https://www.proexae.uema.br/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

RESOLUÇÃO N.º 410/2023-CAD/UEMA. 2023. Disponível em: <https://www.proexae.uema.br/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

SAFFIOTI, E. I. B. **A mulher na sociedade de classes:** Mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes-INL. 1989.

SAMPAIO, T. B. **Metodologia da pesquisa** [recurso eletrônico] / Tuane Bazanella Sampaio. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFMS, CTE, UAB, 2022.

SCOZ, E. G. *et al.* Resenha: FEDERICI, Sílvia. O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018. 388 o. **Revista Cadernos de Clio**, v. 9, n. 1, 2020.

SILVA, J. S. da; ALVES, M. B.; CARVALHO, G. B.; TAVARES, R.; ARRUDA, A. A. de; COSTA, C. D. M. da. A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus VII Codó / Motherhood in the university trajectory: challenges faced by the students of the Federal University of Maranhão – UFMA campus VII Codó. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 42538–42550, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-027. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12515>. Acesso em: 10 jan. 2025.

STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história:** A mulher na escola (BRASIL: 1549–1910).

VELHO, L. Prefácio. *In*: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, tecnologia e gênero:** desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006 p. 13-18.

VIANA, A. S. **Mães universitárias:** desafios para permanência no curso de Administração, no Alto Solimões/Amazonas / Amanda Silva Viana. 2024.